

**IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: O OLHAR SOBRE A INSERÇÃO DO IDOSO
NA INSTITUIÇÃO.**

*INSTITUTIONALIZED ELDERLY: THE VIEW ON THE INSERTION OF THE ELDERLY IN
THE INSTITUTION.*

Amarante Gonçalves Gross Junior¹

Dra Magda Medianeira Mello²

Resumo: Trata-se de uma investigação baseada na técnica de análise de conteúdos de Bardin, realizada de forma exploratória na abordagem qualitativa. Este é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que permite oscilar entre o rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Levando em conta a realidade e o aumento do número de idosos, este artigo teve como objetivo de estudo verificar como ocorre a inserção dos idosos na instituição e suas possíveis relações sociais. Foram entrevistados 10 idosos, moradores da instituição: Lar Cantinho do Céu. Conclui-se uma não satisfação total da nova realidade de moradia, entretanto se faz presente a consciência da necessidade de estarem neste ambiente, ao invés de permanecerem sozinhos ou na casa de parentes.

Palavras-chave: Idosos; instituição; Inserção social.

Abstract: This is an investigation based on Bardin content analysis technique, carried out in an exploratory qualitative approach. This is a set of communication analysis techniques that allow us to oscillate between the rigor of objectivity and the fruitfulness of subjectivity. Taking into account the reality and the increase in the number of elderly people, this article aimed to study how the inclusion of elderly people in the institution and their possible social relationships occur. Ten elderly residents of the institution: Lar Cantinho do Céu were interviewed. It is concluded that the new housing reality is not fully satisfied, however, there is awareness of the need to be in this environment, instead of staying alone or in the home of relatives.

Keywords: Elderly; institution; Social insertion.

¹ Psicólogo Clínico, Pós Graduado em Psicanálise Infantil. E-mail: psicologo.amarante@hotmail.com

² Psicóloga Clínica, psicanalista, doutora em Psicologia pela UAM. Professora da unicnec de Osório, RS. E-mail: magdamello23@gmail.com

INTRODUÇÃO

O aumento populacional de idosos nas últimas décadas se tornou notável, conforme estudos do PORTAL DO BRASIL (2016), apontam que de 2005 a 2015 o número de idosos no país passou de 9,8% para 14,3%, referente a idosos com 60 anos ou mais, já a população de crianças de 0 a 14 anos tiveram uma queda de 5,5% e de jovens de 15 a 29 anos caíram em média 3,8%, demonstrando uma clara tendência do envelhecimento demográfico.

O envelhecimento ainda é considerado um tabu, pois é algo pouco investigado, as pessoas em geral demonstram uma negação referente esta demanda, principalmente por não perceber que a relação ao envelhecer poderá acarretar diversas perdas, tanto nas relações interpessoais quanto ao seu estado físico e psicológico.

A psicanálise possibilita investigar mecanismo capazes de ir ao fundo do sujeito e identificar através da linguagem a imagem do Eu que ainda pode ser escutado (CARVALHO, 2011). Contudo, o idoso asilar não encontra-se sozinho naquele ambiente ele é cercado pelos demais e pelos seus cuidadores, desta forma verificar a qualidade da relação dos cuidadores com os idosos é algo extremamente importante

Conforme Mello (2007), na criança diante da demanda do desamparo ele encontra no meio cultural e no outro, diversos mecanismos que a conduzem, e que aos poucos vai desenvolvendo o desejo de se tornar independente, mas sempre dentro dos parâmetros culturais que a cerca. Do mesmo modo o sujeito idoso que se sente desamparado encontra no olhar do outro que a possibilita de ter acesso novamente com a vida.

Este artigo buscou descrever as possíveis relações existente dentro de um lar institucional dentro das novas concepções sociais existentes na instituição. Grande parte da população possui uma visão de que este tipo de instituição é uma realidade distante delas, acreditam que isso não lhes ocorrerá, pois ainda são novos e imaginam que seus filhos irão cuidar-lhes quando chegarem à terceira idade. Mas o aumento de idosos que são inseridos nessas instituições demonstra uma realidade diferente (FREITAS E NORONHA, 2010).

Deste modo, ressalta a importância de perceber como se constitui as relações sociais dos idosos inseridos nessas instituições, pois há uma ideia que esses lugares são considerados depósitos de idosos, passando a imagem que tais ambientes não são lares, onde ali permanecem aqueles que são largados, vivendo em abandono e desprezo à espera da morte (FREITAS E NORONHA, 2010).

E nesta perspectiva este artigo abordou ideias teóricas e práticas para compreender como funciona a realidade dentro da instituição Sociedade Beneficente Cantinho do Céu, localizada

na cidade de Osório-RS, rua Santos Dumont, n: 2747, bairro Albatroz, pois velhice ainda pode ser considerada um mito, e por isso muitas vezes esquecemos que um dia todos irão envelhecer.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 História das Instituições

Conforme Lima (2005, p. 26), a primeira instituição criada para abrigar idosos, ocorreu em uma chácara construída para abrigar soldados portugueses que estavam em idade avançada para continuar prestando serviços, mas por terem contribuído tanto pelo seu país mereciam ter uma velhice “digna” e tranquila.

A chamada casa dos inválidos foi construída pela decisão do 5º vice-rei, o Conde de Resende, que apesar de contrariar as normas da época, cria essa instituição inspirada na obra de Luís IXV (HÔTEL DES VALIDES), que era destinado para os “heróis”. Deste modo a primeira instituição criada no Brasil era restrita para os soldados. Com a vinda da família real, esta casa foi cedida ao médico da família, e os internos foram transferidos para a Casa de Santa Misericórdia.

Do mesmo modo Lima (2005, p 29), nos relata que a Casa de Santa Misericórdia servia para prestar serviços de hospitalização da época colonial aos pobres, indigentes, forasteiros, soldados, marinheiros, e tal casa era administrada por irmandades eclesiásticas, e para manter essa instituição era necessário obter a caridade dos moradores, tais como doações e esmolas.

Ainda conforme Lima (2005), essas instituições foram esquecidas, e após 48 anos, criou-se o decreto do “Asilo dos inválidos da Pátria”, que mesmo assim ainda persistiu por três décadas no papel, e foi inaugurado apenas em 1868, situado no Rio de Janeiro, na ilha de Bom Jesus.

Conforme Costa (2013), tanto no Brasil como em outros países de língua portuguesa, os lugares destinados à moradia e cuidados a idosos em tempo integral sempre foram chamados de asilos ou albergues. Porém alguns autores nos relatam que esses sinônimos passam a ideia de pobreza, rejeição e abandono. Deste modo começou-se a usar termos

eufemísticos, como abrigo de idosos, casa de repouso, clínica geriátrica, fugindo do senso comum e preconceituoso que o termo asilo carregava em sua trajetória.

Hoje existem muitas instituições privadas/públicas, que oferecem um bom serviço e tratamento aos idosos, ainda assim tais lugares são vistos como ‘asilos’ ou depósitos de abandonados e rejeitados. A população em geral possui uma visão de que este tipo de instituição é uma realidade distante delas, acreditam que isso não lhes ocorrerá, pois ainda são novos e imaginam que seus filhos irão cuidar-lhes quando chegarem à terceira idade. Mas o aumento de idosos que são inseridos nessas instituições demonstra uma realidade diferente (COSTA, 2013).

2.2 A psicanálise e o envelhecimento

O modo que o sujeito percebe a sua imagem e a concepção sobre si, possui ligação direta com toda a estruturação psíquica que o envolverá durante toda sua vivência e sentimentos, e portando a maneira que ele irá reagir diante da velhice está totalmente relacionada com o que ele vivenciou em suas primeiras relações na infância (ROSA, 2015).

O ser humano, pode tornar-se sujeito a partir da sua inserção no mundo simbólico, este ocorre através de um mediador primordial, que pode ser a mãe ou qualquer outro cuidador. É neste ponto que o sujeito se estabelece como alguém desejante, assim mesmo antes de nascer já é dado um lugar para este sujeito, com o discurso familiar sem ser necessário ter acesso a linguagem propriamente dita (BERNADINO, 2006).

Ainda conforme Rosa (2015), a relação que o sujeito estabelece na fase da terceira idade, possui interferência da estruturação psíquica que foi desenvolvida na primeira infância e ressalta que na clínica, diariamente ele recebe relatos de homens que sentem vergonha da imagem atual, por não aceitar o envelhecimento.

Conforme Berlinck (1936/2008, pg. 199), refere-se que o primeiro registro do sujeito está relacionado ao simbólico e nele escrito antes mesmo do seu nascimento. Conforme Mello (2007), os processos do inconsciente são atemporais, deste modo as leis que os conduzem são próprias do inconsciente de cada sujeito.

Assim o sujeito teme de forma inconsciente a regressão infantil, ao mesmo tempo que necessita de cuidados devido sua idade avançada, ele se nega a aceitar esta condição, pois o cuidador agora um outro quase que desconhecido para ele, lança através dos seus traços mnêmicos a representação dos cuidados iniciais na infância, obtidos pela mãe ou pelo cuidador primordial (COSTA,2013).

Contudo mesmo sendo colocado o inconsciente como atemporal, chega um devido momento que nos é possível se deparar com o envelhecimento. Aqui a intersecção entre o ato atemporal do inconsciente se conecta com o corpo que é temporal, essa junção não é correspondente a uma formação do inconsciente, e nem uma mudança como ocorre na adolescência, mas traz consigo manifestações passíveis de comparação, como as revivências de vestígios mnêmicos e alterações corporais (BERLINCK, 1936/2008).

Ainda conforme Berlinck (1936/2008), o pensar sobre o envelhecimento pode estar ligado ao desencontro, desencontro este que ocorre do modo atemporal do inconsciente e na temporalidade do corpo. Aqui o corpo ligado as transformações que ocorrem na adolescência, tais como a voz que muda, a barba que cresce, os seios que aparecem a menstruação que desce, todas essas mudanças também acontecem na velhice, a pele que enruga, as vistas que já não conseguem mais atingir o mesmo alcance, os ouvidos que não ouvem mais, a falta de interesse sexual e atração pelo parceiro (a), e assim por diante.

Conforme Lacan (1958/1978), a necessidade de demanda, demanda está relacionada ao emaranhamento libidinal, pode ser dito que nasce da ordem biológica, porém, essa necessidade não se restringe nem se contenta com a satisfação que o nível biológico pode oferecer, ela se entrelaça nas bases subjetivas do sujeito, sendo assim defrontadas entre a não satisfação libidinal, encontrada na lógica freudiana do narcisismo.

É notável que conforme o sujeito vai envelhecendo, seu investimento libidinal tanto para com ele como para as coisas ao seu redor vai diminuindo, por isso é possível em termos compreender a falta de interesse dos sujeitos mais velhos em manifestações rotineiras e até mesmo um crescente nível de egoísmo por parte dos mesmos, em se retrair e regredir as primeiras instâncias psíquicas (ROSA, 2015). Entretanto, essa regressão e rejeição não é algo que se possa generalizar, ou seja, nem todos os sujeitos com idade avançadas apresentam esse desinteresse e desinvestimento objetal.

Conforme Freud (1925/2000) em seu texto sobre “A negativa” se refere que o pensamento possui a habilidade de apresentar à mente aquilo que foi restaurado em outra

instância, reportando por uma representação sem que o objeto externo precise estar necessariamente presente. Esta relação está ligada com a passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade, este é momento em que o sujeito compreende que não é importante somente que o objeto tenha uma característica “boa” e seja conectada ao ego, mas também que esse atributo corresponda a algo no mundo externo e que dela possa apoderar-se quando necessário.

Nesta lógica, é possível pensar sobre o envelhecimento como uma nova etapa a ser enfrentada, entretanto esta etapa não é totalmente desconhecida pelo sujeito, os mecanismos de elaboração e significação são capazes de resgatar e resignificar traços de memórias, buscando interpretar novas vivências através de elaborações já existentes.

Conforme Mello (2007), o sujeito se depara na velhice com diversas perdas que fazem parte do ciclo vital, tais perdas não necessariamente apenas externas, mas também físicas e internas, como trabalho, amigos, família, cônjuge, acarretando sentimentos como desamparo, solidão, medo, coisas inevitáveis neste momento da vida. Neste contexto é preciso se preparar para a velhice, para que a mesma possa ser enfrentada com saúde, mantendo e construindo relações.

Conforme Mello (2007):

Envelhecer-viver tratando-se e sendo tratado pelos demais com dignidade, mantendo a autoestima num nível elevado, permitindo-se pensar na sua própria sexualidade, mantendo-se ativo dentro de um respeito a sua própria privacidade. Assim poderá viver feliz (pg. 66).

Nesta perspectiva ensinar sem ser ‘rabugento’, passar sua história para os demais, poder construir com o outro, para o outro a herança cultural a ser deixada para seus descendentes, se colocando no presente para que sua existência seja menos vazia, assim o sujeito poderá construir uma velhice mais saudável. Pois o idoso possui um papel fundamental para sociedade, ele irá garantir os valores éticos e ensinamentos de vida para as próximas gerações (MELLO, 2007).

2.3 A instituição, pode ser vista como um modelo familiar?

Existe diversas denominações para as instituições destinadas aos idosos, alguns mais conhecidos e populares como Lar para idosos, Casas Geriátricas, Instituição de longa permanência, casa de repouso, asilos, entre outras.

O Estatuto do Idoso afirma que o mesmo deva ser cuidado preferencialmente pelos familiares, mas caso seja necessário inclui-lo em uma casa geriátrica, tal instituição deve obter profissionais capacitados para trabalhar e dar assistência aos idosos. Do mesmo modo fica expresso que o idoso seja isento de qualquer negligência, discriminação, violência ou opressão. É dever de todo cidadão estar atento ao estatuto do idoso e denunciar caso perceba qualquer irregularidade que esteja ocorrendo (Sindicato Nacional dos Aposentados, 2015).

Para que se possa oferecer mais garantia aos idosos a lei número 284 do Senado Nacional Senado Federal-BRASÍLIA- DF, 2015, decreta que:

Art. 1º O cuidador de idoso é o profissional que, no âmbito domiciliar de idoso ou de instituição de longa permanência para idosos, desempenha funções de acompanhamento de idoso, notadamente:

- a) prestação de apoio emocional e na convivência social do idoso;
- b) auxílio e acompanhamento na realização de rotinas de higiene pessoal e ambiental e de nutrição;
- c) cuidados de saúde preventivos, administração de medicamentos de rotina e outros procedimentos de saúde;
- d) auxílio e acompanhamento no deslocamento de idoso.

Parágrafo único. Instituição de longa permanência para idosos é a instituição destinada à residência coletiva de pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos, com ou sem suporte familiar.

Art. 2º Poderá exercer a profissão de cuidador de idoso o maior de 18 anos que tenha concluído o ensino fundamental e que tenha concluído, com aproveitamento, 2 cursos de cuidador de pessoa conferido por instituição de ensino reconhecida pelo Ministério da Educação.

Parágrafo único. São dispensadas da exigência de conclusão de curso de cuidador as pessoas que, à época de entrada em vigor da presente Lei, venham exercendo a função há, pelo menos, dois anos.

Art. 3º É vedado ao cuidador de idoso o desempenho de atividade que seja de competência de outras profissões da área de saúde legalmente regulamentadas.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

A família possui um papel fundamental para consolidação da saúde do idoso, entretanto no âmbito familiar a alternância das gerações pode causar conflitos intrafamiliares, acarretando muitas vezes mais prejuízo ao idoso do que benefício, mas independentemente da situação familiar, sendo o idoso considerado capacitado dentro da saúde mental, ele possui total direito para escolher onde permanecer, desde que não ponha em risco sua vida e bem-estar (ALVES, 2013). Entretanto muitos idosos não possuem muita escolha, devido a problemas mentais, físicos e até mesmo financeiro, encontrando um respaldo para aqueles que

teoricamente não podem mais ficar sozinhos e que ao mesmo tempo não possuem outra saída a não ser serem inseridos em alguma instituição.

As instituições asilar, têm por objetivo primordial, garantir a integridade das pessoas acima de 60 anos, ou aqueles que por alguma ventura forem inseridos antes, ser responsáveis pela saúde física e mental, dando atenção e mantendo os direitos dos sujeitos ali inserido, conforme o estatuto do idoso, e preservar o mesmo contra qualquer dano (ALVES, 2013).

Diante o jogo de identificações o sujeito é capaz de restabelecer conexões entre o passado e o presente. A identificação de acordo com a psicanálise e segundo Freud, está vinculado numa primeira instância na falta total do objeto, ou seja, anterior a toda a carga objetual, nos primordiais do aparelho psíquico. Portanto, o sujeito nasce dependendo do outro psicologicamente, ele é o agente passivo, onde através dos cuidadores ele receberá influências para estruturação do seu psiquismo e assim estabelecer o objeto identificatório (KUSNETZOFF, 1982).

Dando seguimento, o sujeito neste processo primário não há diferença até aqui entre o Ego e o objeto, mas em contraponto a única diferença que o sujeito sente é a relação entre o prazer e o desprazer. E é exatamente neste parâmetro entre o prazer e o desprazer que o Ego e os objetos irão começar a ser construídos, por consequência o Ego irá aproximar-se com aquilo que causa prazer (KUSNETZOFF, 1982).

O sujeito idoso ao se confrontar numa instituição que ao longo dos dias lhe proporcione cuidados capaz de resgatar identificações primárias, este poderá abrir-se para um processo de ressignificação daquele ambiente até então hostil.

Conforme Paschoal (2000), A qualidade de vida possui relação com o modo que o sujeito consegue avaliar se sua vida é ruim ou boa, entretanto esta relação é algo interno do sujeito que abrange julgamentos relacionados com as emoções e projeções para o futuro. O autor, refere-se que a felicidade é o principal fator de identificação com uma boa qualidade de vida, pois alguém é feliz quando seus desejos e objetivos estão sendo realizados. Deste modo, os idosos institucionalizados tendem a ver uns aos outros como um modelo familiar, mesmo não tendo nenhum grau de parentesco, pois sabem que todos estão ali por um motivo aparentemente igual: a velhice.

Diante deste jogo de ressignificações e identificações é possível que o idoso construa laços, e que ao longo do tempo inserido dentro do contexto asilar ele poderá se reorganizando,

onde muitos saem com os parentes para “passear” e ao fim do dia retornam com satisfação para a casa institucional, conseguindo desta forma obter um ciclo de inserção sem afetar sua saúde psicológica

Destacando a importância da relação entre o idoso e seus cuidadores, o mecanismo que leva ao ato de cuidar, ultrapassa as barreiras das significações, o cuidador de idosos é um profissional que surgiu devido as novas necessidades diante do envelhecimento. Nesta área podemos perceber uma crescente preocupação com essa população, que antigamente não era percebida, mas a demanda da nossa atualidade desencadeou uma necessidade para construção de um novo olhar (MANNA, 2013).

Por consequência, novos mecanismos para o cuidar vêm surgindo, diante das configurações familiares da atualidade. Algumas famílias optam por contratar um profissional para cuidar a domicílio, ou revezam com outros familiares para cuidar dos mesmos. Porém atualmente o meio mais procurado são as instituições, devido a “praticidade”, os modelos institucionais podem ser lares particulares, outros públicos, alguns administrados por entidades religiosas, outros por organização não governamental e assim por diante (MANNA, 2013).

Conforme Lampert (2016),

Observa-se que em 2011, a temática dos cuidadores esteve na pauta das legislações propostas tanto pela Câmara de Deputados quanto do Senado Federal. Os PL 2178, 539 e 284 apontam os requisitos para o exercício da profissão com o estabelecimento de escolaridade mínima e formação em cursos para cuidadores, discutem sobre as atribuições, e ampliam o âmbito de atuação, estendendo a profissão de cuidador ao contexto institucional. A partir dessas construções, o PL 4702/2012, delimita quanto à profissão de cuidador de pessoa idosa, reunindo proposições já estabelecidas em outros projetos, sendo a legislação em tramite mais atual e que versa sobre diferentes aspectos da profissão (pag 8).

O cuidador carrega consigo um sujeito idoso que necessita de auxílio em suas atividades físicas, assim um idoso que adoece ou perde sua agilidade é alguém diferente de uma criança que busca criar autonomia o sujeito idoso é aquele que tinha autonomia e agora a perdeu, porém, alguns cuidadores acabam confundindo aquele sujeito que já possui estabelecido sua estrutura psíquica com uma criança/bebê que ainda irá a vir se constituir (MANNA, 2013). Conforme Winnicott (1983), a perda da autonomia no idoso apresenta-se o inverso com o que se passa nas crianças em suas fases iniciais, pois no campo do desenvolvimento a criança está sendo constituída e preparada para uma questão momentânea

de dependência do outro, já na velhice ocorre a perda da autônima, como se houvesse uma regressão vivenciada pelo sujeito.

Há no aparelho psíquico um conjunto de barreiras organizadas para impedir que estimulações internas e externas consigam acessar a consciência, essas barreiras são mecanismos de defesa ofertada pelo Ego, que reduzem ou oprimem esses estímulos para tentar manter em equilíbrio o aparelho psíquico, essa via é no modo inconsciente (KUSNETZOFF, 1982).

Poderíamos dizer que esta defesa do inconsciente consegue operar como um mediador nas relações institucionais, a base fundamental para o processo defensivo é justamente o conflito interno, a psicanálise reconhece o conflito como algo constitutivo do sujeito, na mesma maneira pode-se relacionar a defesa, pois só haverá defesa onde existir o conflito (KUSNETZOFF, 1982). Pode-se subentender que o idoso, assim como qualquer sujeito indiferente da idade necessita que ocorra essa negação do ambiente institucionalizado para que posteriormente ele consiga se restabelecer e entrar em contato com todo o mecanismo que o cerca (KUSNETZOFF, 1982).

2.4 IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS: VISÃO E PERSPECTIVA

As instituições estão associadas aos modelos mais antigos e universais em referência ao cuidado do idoso depois da família. Entretanto apresenta como o modelo mais excludente sendo inviável o impacto desta relação na saúde física e mental dos idosos, por ter uma pré-disposição a ser um ambiente frio e distante da família, devido as configurações dos lares e a sua relação histórica.

Conforme Costa (2013), é impossível falar sobre o idoso institucionalizado sem resgatar seus laços familiares e ao mesmo tempo o modo que este sujeito é retirado do seu ambiente e inserido em outro contexto, ocasionando uma mudança não apenas do ambiente físico, mas de todos os mecanismos o que cercam afetando também seu lado emocional, pelo qual o idoso precisa se reorganizar perante uma nova concepção que lhe foi imposta.

O idoso dentro dessa nova estrutura necessita introduzir dentro daquele espaço uma visão direcionada ao seu Eu mais profundo, pois o que o cerca não são apenas as paredes, mas sim uma dimensão do inconsciente que o remete a uma esfera além da potência do físico, mas

em uma perspectiva em relação ao sentimento de medo, rejeição e abandono, perante uma realidade pelo qual ele sabe que precisa enfrentar porém a nega de modo inconsciente.

Segundo Carvalho (2011), a qualidade de vida do sujeito asilado, não depende apenas dele ou do acolhimento recebido da instituição, mas também possui influência da convivência com os outros idosos residentes do local, a autora faz uma relação com a importância da família e amigos de manter contato com o idoso, tanto com visitas e até ligações, para que ele não se sinta totalmente abandonado.

Conforme Costa (2013), o modelo asilar constitui para o idoso um sentimento de perda de liberdade, pelo fato das regras que os cercam e pelo convívio com outros sujeitos desconhecidos, tornando-se dependente dos cuidadores e restabelecendo vínculos afetivos, onde muitos idosos acabam perdendo sua identidade e assumindo este papel de sujeito incapaz, se submetendo e afetando sua individualidade.

Portanto estabelecer relações sociais dentro das instituições, vai além de uma necessidade, mas possui ligação direta com os modelos sócias existente e com ele o modo que o sujeito se constitui a partir das identificações individuais de cada sujeito. Conforme Mello (2007), se por um lado a cultura gratifica a vida durante o tempo, pode-se constatar que que a cultura também é palco para encerrar cada momento, neste sentido ainda ressalta que é em nosso semelhante que encontramos as condições para se constituir como sujeitos.

Conforme Mello (2007), a cultura e as relações acionam descarga pulsional, o contrário também ocorre, o desejo de dar conta de todas as demandas faz com que o sujeito tenha que metabolizar uma grande quantidade de energia de modo satisfatório. Portanto ao longo do tempo em que o sujeito vai se relacionando dentro da instituição e recriando significações, o idoso poderá dentro dos seus limites estabelecer relação recíprocas entre os demais internos, inclusive criando autonomia suficiente para atender suas demandas mais internas.

3. METODOLOGIA

Este artigo foi realizado com enfoque na pesquisa qualitativa, conforme Turato (2005), Para efetivação desse artigo foi utilizado um questionário com perguntas semiestruturadas do modo exploratório. Os dados analisados de modo qualitativo são perguntas e respostas visando os fenômenos e as causas que cercam o sujeito, deste modo muitas vezes a análise

qualitativa não se encaixa em aspectos variáveis, tornando esta pesquisa uma análise de modo exploratório.

Participaram dessa pesquisa dez (10), idosos moradores de uma instituição específica, com idade entre 60 a 95 anos. Os participantes assinaram um termo de consentimento para que eles fiquem à vontade se por caso quiserem desistir da pesquisa, salientando que as identidades dos participantes serão preservadas e cujo apenas as narrativas serão utilizadas para a pesquisa.

Esta pesquisa será analisada e interpretar através das informações obtidas e serão submetidas à Análise de Conteúdo, (BARDIN, 1979).

4. RESULTADOS

O Quadro (1) indica os dez (10) idosos entrevistados, a idade, o sexo masculino e ou feminino, o período de tempo que residem na instituição e a cidade natal

NOME	IDADE	SEXO	RESIDENTE	CIDADE
O.B	92 ANOS	MASC.	2 ANOS	MORRO AZUL
O.A	82 ANOS	FEM.	9 ANOS	OSÓRIO
M.M	82 ANOS	FEM.	4 ANOS	RIO PARDO
M.S	77 ANOS	FEM.	7ANOS	OSÓRIO
R.C	89 ANOS	FEM.	1 ANO	AGUAPÉS
G.V	89 ANOS	MASC.	2 ANOS	PORTO ALEGRE
L.S	86 ANOS	FEM.	9 ANOS	OSÓRIO
D.A	83 ANOS	FEM.	3 ANOS	OSÓRIO
I.D	86 ANOS	FEM.	5 MESES	MAQUINÉ
F.M	79 ANOS	MASC.	4 ANOS	OSÓRIO

4.1 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Ao falar de vivencias, é impossível não enlaçar a vida psíquica que cada sujeito constitui, principalmente diante das relações, o sujeito idoso institucionalizado, carrega

consigo traços muito fortes, alguns aspectos se tornam bem peculiares, outros é como se houvesse um emaranhamento de vivências nas relações.

Dentro da instituição, ocorre um desejo quase que compartilhado entre os idosos moradores do lar específico, a vontade de ser olhado. Diante desta demanda me ocorre a sensação de que estar naquela casa é como se fosse algo banal e uma consequência da velhice, logo, estar velho é estar fadado ao fim da vida. Aqui, faço essa colocação devido as respostas dos idosos pesquisados, onde grade parte relata que após já terem criados os filhos, ou por não poderem mais ficar sozinhos, eles mesmo que escolheram aquele ambiente como moradia, e que suas histórias de vida são longas e até mesmo perturbadoras.

Conforme Botella (2007), descreve que a segunda tópica freudiana, o desenrolar psíquico, onde opera com um Id que ainda não está representado, existe um superego primitivo e um ego muito pobre. Diante disto, aqui inicia-se a vida psíquica e a verdadeira liberdade de pensar, pois quando o aparelho psíquico já está em funcionamento somos capazes de reprimir aquilo que de certa forma está nos incomodando. Deste modo o sujeito atravessado por suas emoções, acaba bloqueando alguns eventos vivenciados, como forma de se auto proteger.

Os sentimentos que rodeiam o sujeito não somos capazes de medir, entretanto o modo que ele se coloca diante de uma realidade pode falar muito sobre ele. Os desejos que os cercam, estão envoltos de traços libidinais muitas vezes reprimidos, até mesmo dentro da sexualidade, é como que ser velho é ser sem sexo, sem desejo pelo outro.

Conforme Alves (2013), às instituições asilares acarretam a sensação de um distanciamento progressivo da relação familiar, onde muitas vezes opera o abandono da família de origem perante aquele idoso, vejo que o modo que o sujeito se entrelaça diante daquela situação está quase envolta de uma anulação, talvez para aquele sujeito o melhor seja “aceitar” ou se submeter a este novo ambiente, do que ir contra a necessidade de estar lá.

Esta pesquisa proporcionou entender que, mesmo tendo a maioria respondido gostar de morar no lar, o idoso necessita ser visto pelos demais, ele não quer apenas existir, mas ser capaz de dar e receber o amor tão estimado. Mas talvez o bloqueio de forma inconsciente que a instituição causa, remete uma sensação de ser impedido de efetuar as atividades que antes ele era “capaz” de fazer, causando conflitos internos e recordações de atos que antes eram banais e hoje se tornam doloridos e sofridos.

Entretanto, reviver, relembrar, também pode estar associado ao sentir-se vivo, e isso remete a uma regressão para infância. Rosa (2015), interpreta que o idoso ao ser tratado como dependente de alguém, ou seja, receber os cuidados de um outro, revive cenas da primeira infância, como os cuidados maternos que obteve. Esta cena pode se tornar algo mediador na relação institucional, ou um empecilho mediante as angustias que isso poderá retornar para aquele sujeito.

O que cada sujeito tem para oferecer ao outro, é toda a carga cultural que ele obteve diante sua vida, e isso conseqüentemente opera nas relações interpessoais, a forma que cada idoso age perante situações, são de origem da consciência, trazendo para o meio real, todos os desejos lançados simbolicamente durante suas vidas, como o relata de uma idoso que goza com as cenas da sua infância, contando de forma entusiasmado todo um relato de sofrimento por ter fugido pequenina da Espanha com seus pais, durante a segunda Guerra Mundial. E são esses traços marcados psiquicamente, mais forte que marcas reais no corpo é que configura as relações e vivências dos idosos deste lar.

Portanto as vivências que cada um traz, é totalmente identificado com as histórias de vida, mas dentro de um lar institucionalizados todos ou grande parte estão ali por um único motivo, a velhice, e o prazer em chegar a essa idade muitas vezes não é satisfatório, no sentido que ninguém quer ser esquecido, ou anulado, e por isso muitas vezes a necessidade de falar é a recompensa que o sujeito dispõe com a linguagem, ou seja, narrando algumas questões, pode ser que ele não seja esquecido.

4.1.2 VIDA X MORTE

Conforme Rosa (2015), não existe nenhum outro animal que possua a consciência da morte além do homem, portanto pode-se afirmar que reagir à condição de mortal é manter-se pleno de humanidade, colocando a mostra que a consciência da condição humana é, também, a consciência do envelhecimento e uma natural reação ao mesmo. Diante disto, esse processo vem decorrente a uma longa história. E é essa história que precisamos ouvir. Recorrendo aos poetas, poderemos concordar com Borges (2012, p. 23) que nos diz “a velhice é um longo entardecer” ou com Philip Roth (2007, p. 17), afirma que “a velhice não é uma batalha, a velhice é um massacre”.

Para Winnicott (1983), a morte faz parte do processo de vida. Rosa (2015), afirma, que a própria sociedade discrimina e produz estatutos para os idosos, que em suma acabam maltratando e agindo com crueldade e indiferença, remetendo a sensação do termo velho, como aquilo que não tem mais serventia.

Clarice Lispector refletiu acerca disso quando definiu a velhice como

A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por acrobáticas aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio (Lispector, 1994, p. 16).

Ao analisar este trecho é possível fazer uma síntese do envelhecimento como o silêncio daqueles que não possuem mais uma voz ativa na sociedade. Talvez o “estar” velho, esteja carregando de sentimentos e emoções de uma vida que está perto do fim, logo, perto da morte.

Durante a pesquisa, pude perceber sentimentos de uma morte velada perante alguns idosos, algo que não foi criado agora, mas sim uma construção de vivências da infância, uma realidade inesperada pelos idosos, uma passagem de vida pós morte. Alguns relatos destacam essa realidade, onde cinco dos dez idosos em algum momento da pesquisa relataram que já estão no fim da vida e que aquele lar é o único lugar onde eles deveriam estar, já que é uma casa para “velhos”

Em um dos seus textos Freud (1915/2000), descreve que quando se fala da forma que agimos em relação a morte, significa também silenciar na realidade e pensar em algo como se fosse a morte, e conclui:

É impossível imaginar nossa própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores. Por isso, a psicanálise pôde aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, [...] no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade (Freud, 1915/2000, p. 327).

A relação estabelecida pelo sujeito no prazer em sentir-se vivo é interligada com um gozo eterno de insatisfação, pois se estivéssemos totalmente satisfeitos já estaríamos mortos. É na busca pela satisfação que nos torna possível imortalizar o desejo de se manter ativo. Aqui me ocorre uma degradação deste conceito, os idosos da instituição não querem a morte, porém a esperam como algo libertador, talvez estar vivo, não necessariamente é viver, muitos estão apenas existindo e remoendo traços de uma vida passageira.

Embora podendo pensar por um lado mais poético, o que poderia se esperar da vida se não vive-la?

Conforme Mello (2007).

Ensinar sem ser “rabugento”, passar a herança cultural aos seus sucessores e escrever a sua história, fazendo-se presente na humanidade poderá tornar sua existência menos vazia, mais saudável. O papel do idoso na sociedade é fundamental para garantir a passagem de valores éticos e ensinamento de vida para as gerações seguintes (p. 66).

Este papel de repassar para o outro aquilo que só ele vivenciou, é ao mesmo tempo transgredir a morte, muitos dos relatos também se entrelaçam com o desejo de mesmo inseridos em um lar, eles possuem vontade próprias e afirmam que aquela casa é a casa deles, mas o que lhes falta é atenção, amor e validação, para que percebam a real importância que eles têm na vida dos que os amam.

4.1.3 AUTONOMIA

Conforme Winnicott (1983), a perda da autonomia no idoso apresenta-se o inverso com o que se passa nas crianças em suas fases iniciais, pois no campo do desenvolvimento a criança está sendo constituída e preparada para uma questão momentânea de dependência do outro, já na velhice ocorre a perda da autônima, como se houvesse uma regressão vivenciada pelo sujeito.

A questão de uma possível perda de autonomia possui um fator de extrema importância na relação do idoso com o ambiente, aqui nessa etapa da vida, o sujeito se configura como alguém dependente do outro e isto o faz se sentir sem valia, ou seja, alguém que não possui mais valor significativo para a sociedade.

Levando em conta as narrativas dos idosos pesquisado, uma fala chamou atenção pela singularidade referente as perdas que o sujeito vai costurando durante a velhice, o Sr: O. respondeu que em algum momento da vida todos vão precisar de um ambiente “asilar”, pois vai chegar a hora que não poderá mais ficar sozinho, que não irá mais conseguir dirigir, e que aos poucos vai percebendo que se torna impossível morar sozinho. Ao se desligar das atividades, o sujeito se depara com um luto vivo, como se o idoso estivesse velando sua

própria morte em vida, se deparando com as coisas que antes ele conseguia fazer sem auxílio de ninguém.

Essa questão é algo que praticamente todos os idosos pesquisados trazem em sua fala, que pela viuvez e a saída dos filhos de casa, se tornou necessário a procura por um novo lar. Para Lampert (2016), a questão do envelhecimento se manifesta através das mudanças que o corpo e a mente sofrem ao decorrer dos anos, algo ligado ao processo natural da vida. Contudo, o idoso se torna mais dependente que os jovens e adultos, mas existem fatores que possibilitam que o idoso desenvolva autonomia e independência, e com isso ele poderá se sentir saudável e ativo novamente.

O processo de se sentir realizado novamente e permitir que o idoso esteja suficientemente ativo, condiz com a realidade que ele se encontra. Poder efetuar coisas simples sozinho já os remetem para um apoderamento sobre seu próprio corpo e mente. Repensar sobre a forma que o idoso se reconhece, é poder encontrar naquele sujeito uma elaboração do próprio Eu, como fonte de ligação entre o passo e o futuro numa perspectiva referente ao presente, pois muitas vezes o idoso fica preso ao passado vivo, e estigmatizado num presente como se já estivesse sem vida.

Uma outra narrativa importante perante a autonomia, está relacionada a fala da Sra. O.A, que em seu discurso afirma que se sente útil ao ajudar as “senhoras” que precisam mais, onde muitas vezes ela ajuda a dar alimentação para as senhoras que não conseguem se alimentar sozinhas, relata que arruma seu quarto e limpa o pátio quando possível. Essa sensação de apoio ao outro, faz com que o sujeito se desloque de lugar, o lugar que antes ela ocupava numa relação passiva, agora se torna ativa, inclusive não se colocando no lugar de idosa, mas de um sujeito que é capaz de manter-se em transição,

Conforme Rosa (2015), afirma que a psicanálise se utiliza da fala para cooperar na relação sujeito idoso, tentando construir significações para que aquele indivíduo não fique estigmatizado como “inválido”, por ser velho, mas sim que esse sujeito se encontra num ciclo essencial da vida. Para Mello (2007), é necessário manter as relações de afeto, lações familiares e amigos para uma velhice saudável.

Contudo, percebo nos relatos, em grande parte dos idosos, que eles tendem a manter-se ativos, pois em geral os 10 entrevistados em suas falas colocam que vão ao médico regularmente, fazem exercícios físicos, se cuidam e que interagem muito bem uns com os outros, é exatamente nesse processo que o desejo de autonomia se faz presente. E isso se faz

presente pois, grande parte escolheu aquele lar para morar, algo que partiu do desejo de não ficar a mercê dos filhos ou da solidão.

4.1.4 IDENTIFICAÇÃO

Ao falar em identificações é impossível não nos remeter as primeiras identificações nas relações, elas ocorrem diante o modelo primitivo, entre o sujeito ainda não constituído e seus pais/ou cuidadores, essa relação é significada pelas identificações narcísicas. Num segundo momento com o complexo de Édipo, ocorre a identificação secundária, cuja representação é uma recusa da relação materna ou paterna, deixando de lado esse amor para evitar assim o incesto, aqui neste momento já se instaura as primeiras perdas, essas perdas não são reais, mas sim imaginárias derivadas da castração (KUSNETZOFF, 1982).

O mecanismo da psique identifica o cuidar dos cuidadores com um endereçamento para o cuidar materno obtida na infância, isso poderá lhe causar uma angústia enorme que num primeiro momento pode ser a causa de uma possível negação para o ambiente asilar. Entretanto é pelo olhar dos outros que o idoso se direciona para poder se sentir completo, várias falas trazem essa questão, no sentido que se o ambiente é bom, se outros idosos residem nesta casa, qual o motivo dele não se sentir bem.

Essa questão ressalta possa sugerir vários apontamentos o que mais me chama atenção é o convívio dentro do lar, ao se identificar com outro idoso, o mesmo pode se lançar ao abismo de suas perdas no decorrer da vida. Mas o que aparece dentro do lar ao menos perante a fala é uma certa aceitação do modelo institucional que eles residem.

Encontra tempo a experiência de construir através do questionário o enredo que os idosos trazem, muitos detalhes de coincidem, não posso afirmar que todos os moradores do lar se identificam, mas pude perceber que eles preferem ter contato um com os outros, talvez para se sentiram mais harmonizados com a vida interna dentro do lar, um deslocar para uma liberdade simbólica.

4.1.5 Negação

Conforme Freud (1925/200), no seu texto sobre a Negativa, destaca que o pensamento tem o poder de proporcionar a mente aquilo que foi percebido em outro momento, sendo exteriorizado sem a necessidade de ter o objeto externo presente, aqui encontra-se passando do princípio do prazer para o princípio da realidade.

Durante os relatos, alguns idosos apontaram que, é melhor estar dentro do Lar Cantinho do Céu, do que incomodando algum filho. Esse sentimento pode estar ligado a sensação de

Conforme Freud (1915/2000), é impossível ao sujeito pensar sobre sua própria morte, e mesmo assim quando se tenta pensar estamos inseridos nela como expectadores, deste modo é possível pensar diante da psicanálise, que no inconsciente de cada sujeito está a imortalidade pela qual ninguém crê em sua morte. Por seguinte percebemos que em geral a sociedade não está preparada para o envelhecimento, e neste mesmo sentido o fato de um dia ser inserido em uma instituição asilar é algo totalmente distante e inapropriado.

Assim o sujeito teme de forma inconsciente a regressão infantil, ao mesmo tempo que necessita de cuidados devido sua idade avançada, ele se nega a aceitar esta condição, pois o cuidador agora um outro quase que desconhecido para ele, lança através dos seus traços mnêmicos a representação dos cuidados iniciais na infância, obtidos pela mãe ou pelo cuidador primordial (COSTA,2013).

Destaco que essa negação em um primeiro momento é algo positivo, pois é preciso que o sujeito recuse certas coisas, para que depois possa se movimentar para uma nova concepção. Os idosos da Instituição Cantinho do Céu, digo eu um nome bem representativo para o fim da vida, em grande parte estabelecem uma relação boa na instituição, um sentimento que é correspondido na fala sempre categoria, “este é um ambiente muito bom, um paraíso”, remetendo a metáfora que pelo motivo da velhice já estão à espera da morte e com o encontro do paraíso ideal.

Ao decorrer das entrevistas, quando questionados ao sentimento de se sentir pertencente aquele ambiente, grande parte dos idosos responderam que se sentem bem, se sente como se estivessem em casa, mas o desejo que estar em casa sobressai na relação com o olhar ofuscado ao lembrar da casa primordial, ao pensar sobre as coisas que deixaram para traz e que hoje apenas possuem acesso com as lembranças do passado.

O desejo que o idoso aponta pode ser visto como uma reação inconsciente do estar aceitando esse movimento de mudanças e alterações, contudo Manna (2013), coloca que estar

em mudança é algo importante para concepção do indivíduo, principalmente do idoso morador de instituição.

Conclusão

Esta pesquisa intitulada, Idosos Institucionalizados: o olhar sobre inserção do idoso em uma Instituição, proporcionou analisar diversos aspectos do sujeito diante essa nova etapa. As relações vivenciadas durante a colocação das perguntas, trouxeram à tona desejos, vontades e até mesmo submissão dos pesquisados.

Com este estudo pode ressaltar a importância de obter um olhar para os idosos asilados, pois na classificação mundial, o número de idosos cada vez mais aumenta junto com a expectativa de vida, e a sociedade contemporânea já não identifica como ter filhos algo do desejo, e isto faz com que a sociedade envelheça muitos mais do que se faça presente a juventude.

As relações que os idosos constituem, perpetuam por todas as categorias analisadas, onde praticamente todas se enlaçam e costuram, não necessariamente em ordem, mas o desejo permanece o mesmo, encontrar um lugar que os representa, e é com a identificação um com o outro, que os idosos conseguem se relacionar dentro do lar.

E deste modo as relações institucionais deste lar específico, demonstra uma não satisfação total da nova realidade de moradia, entretanto se faz presente a consciência da necessidade de estarem neste ambiente, ao invés de permanecerem sozinhos ou na casa de parentes.

REFERÊNCIAS

1. ALVES Silva, Júnia Denise, Scorsolini-Comin, Fabio, dos Santos, Manoel Antônio. **Idosos em Instituições de Longa Permanência: Desenvolvimento, Condições de Vida e Saúde Psicologia: Reflexão e Crítica**; 2013. Acessado em: agosto de 2017. Disponível em: <<http://sociales.redalyc.org/articulo.oa?id=18829751023>> ISSN 0102-7972
2. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
3. BERNARDINO, Leda M. F. (org). **O que a Psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição**: infância e psicanálise. São Paulo: Escuta, 2006

4. BERLINCK, M. T. 1936. **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2. Reimpressão 2008
5. CARVALHO, P. & Dias, O. (2011). **Adaptação dos Idosos Institucionalizados**. *Millenium*, 40: 161-184. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/millenium/article/viewFile/8226/5841>. Acessado em 20/10/2017.
6. COSTA, M.C.N.S. & Mercadante, E.F. (2013, março). **O Idoso residente em ILPI (Instituição de Longa Permanência do Idoso) e o que isso representa para o sujeito idoso**. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(2), 209-222. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP
7. ESTATUDO DO IDOSO. **Sindicato Nacional dos Aposentados**, 2015. Disponível em: <http://www.sindicatodosaposentados.org.br/estatutos-rj/642-estatuto-do-idoso> . Acessado em: 01/08/2017.
8. FREITAS, A. V. S., & Noronha, C. V. (2010). Idosos em instituições de longa permanência: Falando de cuidado. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 14(33), 359-369.
9. FREUD, S. (1925/2000). **A negativa**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
10. GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2010.
11. Lacan, J. (1958/1978). **A significação do falo**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Perspectiva
12. Lacan, J. (1954-1955/1985). O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
13. KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.220.
14. LAMPERT, Claudia Daiane Trentin; SCORTEGAGNA, Silvana Alba; GRZYBOVSKI, Denize. DISPOSITIVOS LEGAIS NO TRABALHO DE CUIDADORES: APLICAÇÃO EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA. **REAd. Rev. eletrôn. adm. (Porto Alegre)**, Porto Alegre , v. 22, n. 3, p. 360-380, Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141323112016000300360&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 28/11/2017.
15. LIMA, M.A.X.C. (2005). **O fazer institucionalizado: O cotidiano do asilamento**. Dissertação de mestrado. São Paulo (SP): PEPGG/PUC-SP.
16. MANNA, Roberta Elias. **O imaginário coletivo de cuidadores de idosos na saúde pública: um estudo psicanalítico**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: 10.11606/D.47.2013.tde-15082013-103617. Acesso em: 17 de setembro de 2017.
17. MELLO, Magda. **Divã-janelas para o cotidiano**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007
18. PASCHOAL, S. M. P. **Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião**. 2000. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/06/tdesergio1.pdf>: acessado em: 15/08/2017
19. PORTAL BRASIL, publicado 2/12/2016; **IBGE**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/12/em-10-anos-cresce-numero-de-idosos-no-brasil>. Acessado em: 01/11/2017
20. ROSA, Carlos Mendes; VILHENA, Junia de. Envelhecimento e seus possíveis destinos: Uma reflexão acerca do trabalho do negativo. **Tempo psicanal.**, Rio de

- Janeiro , v. 47, n. 1, p. 112-133, jun. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos: em 24 ago. 2017.
21. **Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal – Brasília-DFOS: 12400/2011**. Publicado no **DSF**, em 26/05/2015
 22. TIER, Cenir Gonçalves; FONTANA, Rosane Teresinha; SOARES, Narciso Vieira. Refletindo sobre idosos institucionalizado. **Rev. bras. enferm.** Brasília, v. 57, n. 3, p. 332-335, June 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000300015&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 10 de maio de 2018.
 23. TURATO, E. Ribeiro. Métodos Qualitativos e Quantitativos na área da saúde: definições e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, 2002, 507-14. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rsp/article/viewFile/31896/33870>. Acessado em 25/10/2017.
 24. WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. 268.